

## AUSTERIDADE

## CGTP e UGT ensaiam unidade na função pública, no ensino e nos transportes

Carlos Silva foi recebido por Arménio Carlos. Um encontro que pode ser o fim de uma das divisões mais profundas em Portugal, a divergência estratégica entre CGTP e UGT. Para a semana começam as reuniões

São José Almeida

**A**ções de reivindicação e protesto sindical organizadas, desde o início e em cada sector, em conjunto pelos sindicatos afectos à CGTP e à UGT, poderão ser uma realidade a partir da próxima semana, concretamente em sectores como a administração pública, o ensino e os transportes. Este é o resultado do primeiro encontro entre os líderes das centrais sindicais, Arménio Carlos, da CGTP, e Carlos Silva, o recém-eleito secretário-geral da UGT, ontem, na sede da Intersindical, em Lisboa.

“Sempre defendemos a unidade de acção em torno de termos concretos e ela pode ser possível nos transportes e na administração pública, por exemplo”, afirmou ao PÚBLICO Arménio Carlos, coordenador da CGTP.

Mais longe na explicação da nova atitude vai Carlos Silva, garantindo que o encontro de ontem “foi uma apresentação de cumprimentos, não uma reunião de trabalho”, mas que a “vontade de aproximação é real” e “há uma nova atitude”.

O novo secretário-geral da UGT assumiu que para a semana começarão a ser feitas reuniões em que “as direcções das centrais sindicais se vão reunir em separado com os respectivos dirigentes sectoriais da administração pública, depois dos transportes e também da Educação, para estudar acções conjuntas”. E Carlos Silva frisou: “A unidade na acção será reforçada com o apoio explícito das centrais.”

Carlos Silva adiantou ainda ao PÚBLICO que “podem também vir a concretizar-se posições conjuntas entre a UGT e a CGTP na Concertação Social”. Isto é, posições acordadas em conjunto em diversas áreas. E o novo líder da UGT avança com exemplos: “O facto de o Governo não ter cumprido acordos anterior-



FOTOS: RUI GAUDÊNCIO



Carlos Silva e Arménio Carlos terão iniciado aproximação histórica

**“O Governo terá de ler isto também, porque só há acordo de concertação se houver uma central sindical pelo menos”**

res é um campo de acordo, mas também em questões como a legislação laboral e o salário mínimo.”

Logo à saída da reunião, Carlos Silva tinha salientado que havia uma “grande convergência”, que resultava do facto de “90% das posições das duas centrais” serem “consonantes”. E dando sinais da negociação sectorial e concreta, área a área, declarou: “Garantimos hoje que não nos alheamos de formas de mobilização porque os trabalhadores têm

de ser envolvidos. As centrais sindicais não podem estar sozinhas, há que mobilizar os trabalhadores, que têm de perceber que há uma unidade entre as centrais sindicais.”

Arménio Carlos também salientou a disponibilidade para a acção conjunta, ao garantir que a direcção da CGTP fará “tudo o que estiver ao seu alcance para que esta unanimidade tenha resultado”. E classificou a reunião como “muito importante” na história do movimento sindical, pois abriu “um espaço de intervenção que importa dinamizar”. Prometendo desde logo: “Faremos tudo para que essa unidade seja cumprida. Este momento é muito importante e abre um espaço de intervenção, não fazemos a luta pela luta”. E concluindo: “Ou nos unimos ou eles [Governo] esmagam-nos.”

A disponibilidade inédita dos líderes das duas centrais sindicais portuguesas que há quatro décadas vivem separadas, depois de a UGT ter nascido em ruptura com a imposição da “unicidade sindical” do período revolucionário do pós-25 de Abril, é vista com alguma surpresa pelos especialistas em sociologia do trabalho e sindicalismo Alan Stoleroff, Elísio Estanque e António Casimiro Ferreira.

#### Pressões laborais

Alan Stoleroff, professor do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa e investigador do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES), alerta para o facto de existirem “pressões laborais não-partidárias que também estão a impulsionar a convergência”. Dá como exemplo os casos dos transportes rodoviários e aéreos. O sociólogo sublinha que “a austeridade está a impor-se sobre tendências de divisão”. Isto depois de num primeiro momento “a crise ter servido para acentuar divergências”.

Stoleroff não desvaloriza o facto de “as influências políticas” poderem tentar impedir a aproximação,

“quer o PCP na CGTP, quer o PS e o PSD na UGT”, mas conclui: “Se a pressão for muito grande do lado da UGT, não sei se o PCP o pode impedir, até porque na CGTP os socialistas e os independentes têm peso”.

Elísio Estanque, sociólogo convidado da Unicamp de São Paulo, no Brasil, e investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, salienta igualmente o peso da história de rejeição mútua e de divergências entre as duas centrais. “Na história das duas centrais há um conflito de origens com clivagens políticas”, frisa, advertindo, porém, que “não poderá haver fusão, mas pode haver aproximação estratégica, porque as circunstâncias obrigam a isso”. E conclui: “Se não for agora posto em prática o *slogan* da unicidade, não sei quando será.”

Por sua vez, António Casimiro Ferreira, professor na Faculdade de Economia de Coimbra e investigador do Centro de Estudos Sociais, defende que há “alterações visíveis” que obrigam as centrais a mudar a sua posição e a aproximarem-se. “No último Acordo de Concertação houve ausência e incumprimento do Governo. Isso empurrou a UGT para a aproximação e para uma linha de actuação no espaço público de afrontação do patronato e do Governo”, sublinha.

António Casimiro Ferreira considera ainda que “os partidos têm influência” nas centrais sindicais, “mas não é tudo”, já que “a austeridade está a fazer corrosão profunda no modelo de solidariedade” e a “situação social pode facilitar a acção conjunta. Pode não ser uma relação afectiva profunda, mas é ditada pela retórica do momento”. E conclui: “O Governo terá de ler isto também, porque só há acordo de concertação se houver uma central sindical pelo menos. Se eu fosse Governo, não ficaria descansado a pensar que conseguia continuar a implementar medidas explorando a divisão entre as duas centrais.”